

Resumo

A presente pesquisa tem por objetivo estudar o itinerário teórico, político e revolucionário de Eric Sachs, judeu austríaco radicado no Brasil a partir dos anos 1940. Nossa pesquisa irá abordar os anos iniciais de sua militância, passando por sua atuação junto às lideranças da Oposição Alemã (grupo oriundo de um racha dentro do KPD), especialmente sua aproximação a Brandler e Talheimer, veteranos espartaquistas. Em seguida, abordaremos sua participação nos debates e lutas políticas travados em solo brasileiro. O centro de nossa análise se dará em torno da construção da ORM-Polop, sigla da qual Sachs foi o principal articulador. Tal organização executou um salto qualitativo dentro do debate marxista brasileiro, ao defender a passagem imediata ao socialismo, num contexto de hegemonia do PCB, partido que defendia uma revolução em duas etapas, sendo uma democrático-burguesa, outra socialista. Para Sachs e os teóricos da Polop, o Brasil já se encontrava apto para uma transição pós-capitalista. Em 1967, numa conjuntura de acirramento das lutas sociais em âmbito internacional, a ORM-Polop passou por um racha interno, quando diversos de seus membros decidiram se engajar na luta armada. Sachs se negou a tal empreitada, defendendo um trabalho político junto às classes trabalhadoras. O modelo de revolução defendido por Sachs era insurrecional, centrado na participação massiva da classe operária, mobilizada desde a base. A luta armada não era recusada por completo, contudo, deveria ser enquadrada dentro de um rol de táticas a serem empregadas, sendo que a conjuntura deveria determinar os métodos de ação mais eficazes. Sachs se refugiou na Alemanha Ocidental após o AI-5, retornando no período da Anistia. Completaremos nossa pesquisa com a atuação de Sachs no contexto de fundação da CUT e do PT. Sachs faleceu em 1986, deixando atrás de si todo um legado teórico, político e revolucionário.

Apresentação do Tema e Justificativa Teórica/ Historiográfica

Em fevereiro de 1961, na cidade de Jundiaí, interior de São Paulo, foi realizado um congresso que reuniu uma série de grupos de esquerda não alinhados ao já tradicional marxismo de viés pecebista. Nesse encontro, foi constituída a Organização Revolucionária Marxista–Política Operária (ORM-Polop)¹. Esta organização, embora jamais tenha conseguido a representatividade de outros

¹ Segundo palavras do próprio Eric Sachs: “O Congresso de Fundação foi iniciativa de um grupo do Rio, que desde 1959 editava um boletim quinzenal, 'Política Operária'. O grupo do Rio tinha sido originado da Juventude do Partido Socialista, tornando-se independente por não endossar a candidatura do Marechal Lott à presidência da República.

movimentos, como os que gravitavam na órbita do PCB, propôs um salto qualitativo dentro do debate marxista brasileiro, introduzindo novas leituras acerca da realidade nacional, trazendo novos autores e perspectivas diferenciadas no que respeita ao processo transição de revolucionária, tanto no Brasil quanto na América Latina². Antes de comentarmos a biografia de Sachs, narraremos de forma breve a trajetória e os principais postulados teóricos da ORM-Polop.

O principal veículo de divulgação das teses da organização em análise foi o periódico *Política Operária*, em circulação a partir de fevereiro de 1962. Por meio desse jornal, os preceitos da ORM-Polop passaram a ser conhecidos nos meios acadêmicos, sindicais e estudantis. A tese central – e mais polêmica – polopista dizia respeito ao caráter da revolução brasileira, e se chocava com as análises de matriz pecebista. Fugindo ao esquema proposto pelo PCB, que trabalhava com ideia de uma revolução em duas etapas (uma burguesa, que se propunha a desenvolver de modo satisfatório as forças produtivas nacionais, superando o atraso de nossa formação política e econômica - resquícios feudais - , abrindo caminho para a segunda etapa, a socialista, quando só então se propunha a superação do capitalismo), a ORM-Polop trabalhava com a tese de que o sistema capitalista já era algo plenamente desenvolvido no Brasil, estando o país em condições de passar ao socialismo³. Destarte, a revolução brasileira deveria ser, desde seus princípios, socialista.

A liderança do processo caberia ao proletariado, que teria como aliados imprescindíveis os trabalhadores do campo, tanto pequenos e médios produtores quanto assalariados agrícolas, setores progressistas da pequena-burguesia (intelectuais de esquerda, professores, funcionários públicos,

Alugou uma sede própria, onde se reunia para conferências e debates. Com a publicação do boletim atingiu grupos de jovens no Estado. Em São Paulo existia um grupo, que se considerava luxemburgista, em Minas uma Juventude Trabalhista. Os contatos rapidamente se estenderam pelo país afora. A Bahia, por exemplo, participou das discussões com dois grupos, um em Ilhéus, outro em Salvador. Dentro de pouco tempo, criou-se o consenso da necessidade de formar uma organização nacional”. As informações acima estão presentes no sítio do Centro Victor Meyer, e fazem parte da introdução à revista *Marxismo Militante*, em sua edição comemorativa dos vinte anos da ORM-Polop, publicada em 1981. Para informações no corpo do texto: BADARÓ MATTOS, Marcelo. “Em Busca da Revolução Socialista. A Trajetória da Polop (1961-1967)”. In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão (Org.). *História do Marxismo no Brasil (Vol. 5). Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007. p. 197. Para citação em nota: <http://www.centrovictormeyer.org.br/>

² Idem, p. 197-198

³ O programa da revolução em duas etapas foi concebido no VI Congresso da Internacional Comunista, em 1928, encontro que marca o início do controle stalinista sobre o órgão. Tal programa teve como molde a China, e foi direcionado como o caminho a ser seguido por todos os Pc's em atuação nos países subdesenvolvidos. Com relação ao programa socialista da ORM-Polop, seu periódico, já no primeiro exemplar, deixava clara sua proposta de ruptura imediata com o capitalismo: “(...) a luta pelo socialismo, como única resposta possível a miséria política burguesa, tem de ser iniciada nessa terra. (...) No Brasil de hoje, a luta aberta e indisfarçada pelo socialismo é uma condição indispensável para a elaboração de uma estratégia e uma tática de seu movimento operário – é a própria premissa da tomada de consciência de classe de seu proletariado”. *Jornal Política Operária*, Nº 1, fevereiro de 1962, p. 7. Disponível em formato digital no Centro de Documentação e Memória da UNESP: <http://www1.cedem.unesp.br>

estudantes), além de grupos organizados nos meios militares.

Em meio à ebulição política e ao otimismo em torno do projeto democrático-burguês proposto pelo PCB e seus signatários, articulados em torno da liderança trabalhista de João Goulart, a ORM-Polop foi uma das únicas agremiações a apontar os limites de tal projeto, antecipando uma inevitável reação por parte das forças conservadoras nacionais. Na edição número 7 do informativo *Política Operária* (em formato de revista), publicado em outubro de 1963, Eric Sachs, sob o pseudônimo de Eurico Mendes, chamava a atenção para “a nova ameaça da ditadura”, traçando um perfil das forças mais reacionárias do Brasil, concluindo que tais segmentos trabalhavam ativamente no intuito de edificar “um regime conservador, sustentado pela força, como se realiza atualmente na Península Ibérica”⁴.

No rescaldo do pós-golpe, a organização em discussão saiu moralmente fortalecida, visto jamais ter tomado parte da constelação de forças que se dispuseram a encampar o projeto que naufragara em 1º de abril de 1964. Já em situação de clandestinidade, tanto o periódico quanto as atividades da ORM-Polop prosseguiram, sempre no sentido de uma oposição radical ao regime autoritário estabelecido.

Não se pode fazer uma apreciação a contento do cenário de lutas brasileira dos anos 1960 sem cotejar o panorama internacional de lutas, num período de radicalismo que se espalhou por todo o globo. Cuba, Vietnã, processos de independência das colônias africanas, guerrilhas na América Latina, Olas, Che Guevara; efervescência no campo das artes, contestação juvenil. Tratou-se, de fato, de um período de agitação política poucas vezes visto na História, e tal onda também esteve presente em solo brasileiro. Não obstante, o programa de Eric Sachs e seu movimento seguiu com seu caráter gradual, conseqüente, alheio a empolgações e entusiasmos, especialmente marcantes entre os mais jovens. O principal ponto de divergência entre a ala jovem da organização e os teóricos mais alinhados ao projeto original do grupo foi a questão da luta armada, numa época em que tal prática se espalhava por toda América Latina. A adoção da resistência armada não era algo descartado pelas teses da ORM-Polop, contudo, tal método deveria se ajustar à conjuntura, ou melhor, a conjuntura deveria determinar qual o melhor método a ser empregado. Vejamos a raciocínio de Sachs acerca desse tema:

⁴ Sachs considerava que o golpe também poderia se dar “à esquerda”, chefiado por João Goulart. *Política Operária*, Nº 7, outubro de 1963, p. 16-17.

Estas características da guerra de guerrilha, que chegaram a influir decisivamente nas lutas de classe em escala internacional, produziram certas generalizações que, de um lado, apresentam essa forma de luta como arma milagrosa, que resolve definitivamente o problema da luta revolucionária em todas as circunstâncias e, de outro, generaliza os métodos de luta de determinadas guerrilhas, em determinadas condições históricas, tanto no que diz respeito a sua tática militar, quanto aos aspectos políticos da luta. No que diz respeito à tentativa de apresentar a guerrilha como remédio final e definitivo nas lutas de classe, temos precedentes anteriores, que nos ensinam a não perder de vista o conjunto da luta de classe e das suas múltiplas formas, que se sucedem e se completam. Toda nova arma que as classes exploradas “descobriram” e aplicaram no decorrer da sua luta, tendia a ser generalizada da mesma maneira. Foi assim que se deu com a luta de barricadas, com a greve geral, etc., - cada qual tinha de se livrar do caráter de solução final e única, para encontrar o lugar que lhe cabia no conjunto da luta de classe. Do mesmo modo, sempre prevaleceu uma tendência a generalizar a aplicação da estratégia e tática da revolução vitoriosa precedente, para garantir a vitória da próxima. Mas é justamente a aplicação mecânica de formas de luta que impede o real aproveitamento das experiências revolucionárias. No caso, impedem que a guerra seja de fato uma continuação da política por outros meios. (...) ⁵

Entretanto, tal argumentação não convenceu diversos setores da organização, sobretudo os de origem estudantil e militar, cada vez mais dispostos a adotar a luta armada em forma de guerrilhas, e subordinar toda a estratégia do movimento a essa modalidade de luta. A definição da contenda se efetivou no IV Congresso da ORM-Polop, realizado em 1967. A cisão foi maior nos meios estudantis, uma parcela dos dissidentes, oriundos de Minas Gerais, a partir de 1968 se engajou nos Comandos de Libertação Nacional (Colina), em associação com remanescentes do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), agremiação formada por militares vindos das lutas pré-golpe. Caminho semelhante tomou a dissidência de São Paulo, unindo-se a ex-militares veteranos do MNR, somando-se a um grupo de militantes de matriz estudante-operária, organizados no Grupo de Osasco, tal junção deu origem à Vanguarda Popular Revolucionária (VPR).

Aqueles que não aderiram ao racha (dentre estes, obviamente, Eric Sachs), acabaram por formar, em abril de 1968, o Partido Operário Comunista (POC), unindo forças a dissidência do PCB do Rio Grande de Sul, agrupamento que se anunciava como leninista, formando uma nova

⁵ A série de documentos intitulada “Aonde Vamos?”, de autoria de Eric Sachs, circulou pela primeira vez em edição mimeografada entre abril e julho de 1967, como documentos de discussão interna da organização ORM-Polop. Documento disponível em formato digital no sítio do Centro Victor Meyer.

organização que estabeleceu bases nos principais centros do país. As teses da nova sigla seguiram as premissas do “Programa Socialista para o Brasil”, da então extinta ORM-Polop, contudo, na nova organização havia um maior espaço para a consideração da luta armada, em associação ao trabalho junto ao operariado. Em março de 1970, membros do POC realizaram uma conferência em São Paulo para discutir os rumos da agremiação, direções que provinham da antiga ORM-Polop divergiam sobre o apoio dado pela sigla a grupos armados (a essa altura a organização realizava ações conjuntas junto a VAR-Palmares, grupo cujas premissas teóricas eram de origem polopista). A corrente divergente acabou por rachar com o Partido, essa tendência era encabeçada, desde o exterior, por Eric Sachs, o mesmo que fora preso por agentes do Dops carioca em 1969, conseguindo fugir e obtendo asilo político no México a partir da embaixada da Áustria. Liderada por Sachs, seria formada a Organização de Combate Marxista-Leninista/Política Operária (OCML-PO), organização que reativou o periódico *Política Operária*, em circulação até princípios dos anos 1980. Em finais da mesma década, já após o falecimento de Sachs, os remanescentes da ORM-Polop encerraram definitivamente as atividades da organização.

Feito este breve resumo acerca da trajetória polopista, voltemos à trajetória do principal organizado do grupo. Eric Czaczkes Sachs, nascido em Viena, 1922, é proveniente de um meio altamente politizado, seu pai, David Czaczkes, foi membro da Social Democracia austríaca (atuando como deputado pelo parlamento de seu país), sua mãe, Sina Ida Czaczkes, de origem russa, teve um irmão que pertenceu ao Partido Bolchevique⁶. Juntamente a sua mãe Sachs deixou a Áustria em 1934, em consequência do aumento das perseguições a judeus nesse país. Seu primeiro destino foi a Rússia, quando teve a oportunidade de frequentar a Escola Karl Liebknecht. Devido a contatos com grupos opositores a Stalin, Sachs e Sina Ida foram expulsos da União Soviética em 1937, passando um breve período na Áustria, e posteriormente se refugiando em Paris. Na capital da França, o jovem judeu austríaco se aproximou da *oposição alemã*, organizada no KPO⁷,

⁶ As informações sobre a biografia de Sachs estão presentes no texto: “Acerca do autor e sua obra: “ERNESTO MARTINS, ERIC CZACZKES SACHS”, (Ernesto Martins foi um dos muitos pseudônimos de Sachs) escrito por Victor Meyer, ex-membro da ORM-Polop, artigo presente na coletânea “*Qual a Herança da revolução russa e outros textos*”, SACHS Eric. Belo Horizonte-MG: Editora Segrac, 1988; e no *currículo* de Eric Sachs, redigido pelo mesmo em 1971, durante seu exílio na Alemanha. Ambos os textos estão disponíveis em formato digital no sítio do Centro Victor Meyer.

⁷ O KPO (Kommunistische Partei-Oppeition), partido da oposição comunista alemã, foi formado em 1929, e reunia militantes descontentes com o enquadramento stalinista ao Partido Comunista Alemão (KPD - Kommunistischen Partei Deutschlands), a partir de 1928. Seus membros mais destacados eram Brandler e Talheimer, veteranos das revoluções alemãs de princípios dos anos 1920. O grupo se propunha a retomar as premissas do bolchevismo leninista, mesclado a preceitos luxemburguistas e conselhistas. Após a ascensão de Hitler ao poder, em 1933, a maioria das lideranças do

dividindo moradia com um dos principais líderes do movimento, August Talheimer, além de manter relações de proximidade com Heinrich Brandler e Victor Serge. Militou no KPO até 1939, quando novamente foi obrigado a se refugiar, devido à eclosão da II Guerra Mundial e ao clima de perseguição tanto a comunistas quanto a judeus.

Sachs e sua mãe se refugiaram no Brasil, fixando residência no Rio de Janeiro, o jovem refugiado passou a exercer a função de operário gráfico, militando junto a seus companheiros de profissão. No final da década de quarenta, passou a redigir artigos para o jornal *Correio da Manhã* e rapidamente se destacou como uma voz alternativa dentro da esquerda marxista brasileira, hegemônica pelo PCB. Em 1957, tornou-se membro do PSB, seguindo na legenda até o golpe de 1964. Preso após a tomada do poder pelos militares, ficou impedido de exercer sua profissão de jornalista e de funcionário do Ministério da Educação, cargo que ocupava desde 1962. Rapidamente liberto, respondeu a um processo por “subversão”, sendo absolvido das acusações, justamente na fase de sua vida em que mais se dedicava à revolução. Foi preso novamente em 1969, conseguindo fugir das dependências do Dops carioca, buscando refúgio na embaixada do México, onde permaneceu por cinco meses. Em seguida, conseguiu asilo político no México, posteriormente se fixando em Colônia, Alemanha Ocidental. Retornou ao Brasil durante o período da Anistia, em 1980, participando da fundação do Partido dos Trabalhadores.

Eric Sachs foi a figura central da ORM-Polop, introduziu no Brasil uma nova seara dentro do pensamento marxista nacional, apresentando uma estratégia revolucionária distinta dos projetos até então vigentes. A organização da qual fez parte sofisticou o debate marxista brasileiro, trouxe novas linhas de análise acerca da conjuntura político-econômica brasileira, além de introduzir novos autores. Durante a década de sessenta, Sachs e seu grupo foram capazes de se contrapor ao desgastado modelo pecebista de transição revolucionária, tornando-se um dos principais polos agregadores da esquerda radical em nosso território. Diversas teses concebidas pelo teórico em questão ajudaram a formular uma nova tradição de esquerda no Brasil, especialmente aquelas referentes ao caráter socialista de nosso processo revolucionário. Durante o ciclo da luta armada, diversas organizações incorporaram elementos do pensamento de Sachs, especialmente aqueles expostos em documentos como o “Programa Socialista para o Brasil” e “Aonde Vamos”.

KPO buscou refúgio em Paris, e de lá seguiu com suas atividades políticas, os principais veículos de informação da sigla foram os periódicos *Arbeitspolitik* (Política Operária) e *Gegen den Strom* (Nadando Contra a Corrente). Informações iniciais obtidas no sítio: <http://web.archive.org/web/20070702142410/http://www.marxistische-bibliothek.de/inhalt.html>

Remanescentes da ORM-Polop formaram os Colina, a VPR, o POC (sob a batuta de Sachs) e a VAR-Palmares, siglas situadas dentre as mais combativas e perseguidas pela repressão militar. Sobre o legado de Sachs, observemos o depoimento de Victor Meyer:

(...) não obstante a importância de suas análises sobre a evolução do movimento comunista no mundo, podemos seguramente afirmar que a contribuição mais notável e marcante do autor, que definitivamente iria ligar seu nome à história da esquerda brasileira, situa-se em outro terreno. Estamos nos referindo à discussão sobre o caráter da revolução brasileira, sobre o papel da classe operária e sobre o cenário estratégico onde se projetam as metas qualitativas mais imediatas, capazes de alterar substancialmente a posição da classe operária na nossa sociedade e melhorar as condições para a luta posterior. Quanto ao caráter da revolução, Eric argumentaria que a única revolução possível no Brasil contemporâneo seria socialista. Hoje, essa tese talvez não encontre muitos opositores entre os marxistas brasileiros, mas quando foi formulada pela primeira vez se chocou frontalmente contra a maré montante, contra o dogma da revolução democrático-burguesa, comungado em consenso pelo pensamento então hegemônico na nossa esquerda. Quanto aos objetivos estratégicos, Eric argumentaria que todos os esforços deveriam visar a transformação da classe operária numa classe independente, em condições de agir em faixa própria, formulando suas reivindicações políticas e construindo suas organizações sem a burguesia e contra a burguesia. (...)⁸

Justificamos o tema proposto pelo peso teórico e histórico de Eric Sachs e seu legado, sua importância não se situa apenas no debate marxista brasileiro, mas no latino-americano como um todo. Seu exemplo de luta, coragem e persistência ajudaram a formar toda uma geração de pensadores/militantes, com presença marcante no cenário político e acadêmico nacional⁹. Homem experimentado, Sachs viu de perto a intolerância stalinista e os horrores da perseguição nazista, testemunhou o autoritarismo estadonovista e a longeva ditadura civil-militar brasileira iniciada em 1964. Conheceu as incertezas da clandestinidade, e sentiu na pele a truculência da repressão pós AI-5. A militância de Sachs e suas ideias sempre se dirigiram à classe trabalhadora, à liberdade de pensamento e à emancipação da humanidade. Homem do Século XX, testemunha dos períodos mais dramáticos e marcantes de seu tempo, seu legado é um apelo ao compromisso político, ao rigor

⁸ Texto redigido em 1988. MEYER, Victor, Op. Cit.

⁹ Fizeram parte da ORM-Polop teóricos como Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra, Eder Sader, Emir Sader, Rui Mauro Marini, Moniz Bandeira, Michael Löwy, dentre outros.

teórico, a coragem, a tolerância e a igualdade.

Delimitação do Tema/ Hipóteses e Objetivos

Os estudos que abordaram os preceitos teóricos de Eric Sachs, até agora, sempre o relacionaram a sua atuação na ORM-Polop e nas organizações que lhe deram sequência, estudo a contemplar exclusivamente seu itinerário teórico, político e revolucionário, ainda está por se fazer. Análises de maior penetração acerca de Sachs e suas organizações estão presentes em estudos como *O Combate nas Trevas. A Esquerda Brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*, de Jacob Gorender, militante que participou pessoalmente dos debates da esquerda brasileira da década de sessenta, além de se engajar na resistência armada ao regime militar de 1964. Nesta obra, a ORM-Polop e seus rachas subsequentes estão relacionados a todo o espectro das organizações guerrilheiras do período. Caminho semelhante seguem os estudos *A revolução faltou ao encontro* e *O fantasma da revolução brasileira*, de Daniel Aarão Reis Filho e Marcelo Ridenti, pesquisas que elencam e analisam o rol de siglas em combate violento à ditadura. Também de Daniel Aarão Reis Filho, em parceria com Jair Ferreira de Sá, há a coletânea *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações de esquerda dos anos 1961-1971*. Esta coletânea traz os textos: “Programa Socialista para o Brasil”, e a série “Aonde Vamos?” (em quatro partes), artigos publicados e distribuídos entre 1966 e 1967, redigidos pelo próprio Sachs. Na mesma coletânea, há o texto “Por uma prática partidária”, lançado em 1968 como programa inicial do POC, produzido pelo Comitê Central da organização liderada por Sachs. Autor também presente na coletânea de Celso Frederico *A esquerda e o movimento operário*, por meio do artigo “Teoria e Prática”, texto que discute a questão da luta armada no Brasil.

Artigo a tratar especificamente da ORM-Polop se encontra presente na série *História do Marxismo no Brasil*, volume 5, organizada por Marcelo Ridenti e Daniel Aarão Reis Filho, intitulado “Em Busca da Revolução Socialista: a trajetória da Polop (1961-1967)”, escrito por Marcelo Badaró Mattos. Neste texto é abordada a trajetória da organização que nos toca até seu racha em 1967. Outro artigo a apreciar o assunto em discussão é “Classe operária, partido de quadros e revolução socialista. O itinerário da Política Operária – POLOP (1961-1986)”. presente na coletânea *Revolução e Democracia. 1964...*, organizada por Reis Filho e Jair Ferreira de Sá, redigido por Daniel Aarão Reis Filho, um dos grandes pesquisadores do tema, texto que aborda toda a trajetória da organização em análise.

Há também algumas teses e dissertações a tratar da ORM-Polop. Tivemos acesso a pesquisa de Leovegildo P. Leal, dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal Fluminense em 1992, intitulada “Política Operária: a quebra do monopólio político, teórico e ideológico do reformismo na esquerda brasileira”, estudo de enfoque mais teórico, aborda a formação da organização, analisando o debate do grupo perante a esquerda nacional dos anos 1960. O trabalho de Leal foi publicado em 2011, com o título *História da Polop. Da fundação à aprovação do Programa Socialista para o Brasil*. Por Joelma Alves de Oliveira, temos a dissertação “As origens, a coesão e a cisão de uma organização marxista (1961-1967)”, defendida na UNESP de Araraquara em 2008, como expresso no texto, a pesquisa discute a primeira fase da organização, anterior aos rachas de 1967.

O mais completo arquivo sobre Eric Sachs e as organizações em que atuou se encontra no Centro Victor Meyer, estando a maior parte dos documentos em formato digital. No acervo há artigos, textos curtos e obras completas de August Talheimer, traduzidos para o português, artigos de Eder Sader e Victor Meyer, produzida por este uma breve biografia de Sachs, a qual nos amparamos para redigir este projeto. Textos do próprio Eric Sachs, como os fundamentais “Aonde Vamos?” (série), “Caminho e Caráter” (em quatro partes), “Andar com os próprios pés”, “Partido, Vanguarda e Classe”, “Qual a herança da Revolução Russa?” (obra publicada), dentre outros textos. São escritos que muito nos auxiliarão na construção de nossa tese. O centro também disponibiliza os livros *Marxismo e Luta de Classes*, escrito por Sachs, e o *Curso Básico da ORM-PO*, manual também organizado por nosso autor.

O objetivo da presente pesquisa é analisar o itinerário político-revolucionário e teórico do militante Eric Sachs, como enunciado no título do projeto. Realizaremos nosso estudo em duas linhas de análise, uma de caráter mais histórico-factual, relatando passagens de sua trajetória, relacionando tais passagens à conjuntura vivida pelo personagem em discussão. A outra linha de análise se aterá aos preceitos teóricos da obra de Sachs, expondo suas influências recebidas e transmitidas, as especificidades do marxismo professado pelo mesmo, seu modelo de revolução e seus debates junto a outras correntes que se dispunham a construir o socialismo no Brasil.

Partiremos do ambiente político experimentado pelo pai de Sachs, membro da Social Democracia austríaca em princípios do século XX. Também temos por meta uma breve apreciação do contexto de lutas verificado na Alemanha em finais dos anos 1910 e princípios do decênio

seguinte, especificamente os levantes de cunho espartaquista. Nesse panorama, comentaremos a formação e os postulados do KPD, adiantando a discussão para os expurgos pós-stalinistas dentro do mesmo partido, observados em finais da década de vinte. Discutindo a construção e as propostas do KPO, a partir das lideranças de Brandler e Talheimer, procuraremos mensurar até que ponto o pensamento político de Sachs foi influenciado pelos próceres da legenda. Analisando a obra teórico-revolucionária de nosso autor pretendemos encontrar elementos para responder a essa questão. Via internet, tivemos acesso a dois periódicos produzidos pela oposição comunista alemã, sendo os mesmos *Arbeit Politik* e *Gegen den Strom*. Por meio destes informativos (além da obra teórica dos autores supramencionados) pretendemos ter acesso aos debates do período e às ideias propostas pelos ativistas do KPO.

Acerca das atividades de Sachs no Brasil, propomo-nos investigar de forma breve sua atuação inicial no meio sindical brasileiro, especialmente a partir de seus artigos publicados no *Correio da Manhã* ao longo dos anos 1950, e discutir sua adesão e participação no PSB, do final da mesma década até o golpe de 1964.

Concentraremos nossa pesquisa nas atividades de Sachs dentro da ORM-Polop, privilegiando os debates travados entre essa agremiação e as teses do marxismo hegemônico no período, representado pelo PCB e seus teóricos. Para tanto, faz-se necessária uma análise precisa do jornal *Política Operária*, cujo acervo, em sua maior parte, já temos acesso em formato digital. No pós-ditadura, concentraremos-nos no debate acerca da luta armada, contrapondo as premissas de Sachs e seu programa às de outras siglas engajadas na oposição ao regime militar, especialmente as remanescentes da ORM-Polop, sem deixar de relacionar à análise outros grupos guerrilheiros, como a Ação Libertadora Nacional (ALN), o Partido Comunista do Brasil (PC do B) e o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), organizações de matriz pecebista. O debate travado a partir do exterior, após o racha do POC, também será alvo de nossa pesquisa, para a qual utilizaremos como fonte, além do periódico *Política Operária*, a revista *Marxismo Militante*, editada a partir de 1968, publicação com enfoque mais teórico.

Concluiremos nosso estudo com o retorno de Sachs do exílio, discutindo sua participação na fundação da CUT e do PT. Partindo dos anos iniciais de atividade desses aparelhos, analisaremos seus debates internos e a ativa participação de nosso autor nos mesmos, até sua retirada da vida

política, pouco tempo antes de seu falecimento em 1986¹⁰.

Metodologia e Fontes

Alguns elementos serviram de base para a construção de nossa tese, dentre estes o elemento central será o pensamento leninista. As concepções do autor em discussão acerca do Estado derivam da obra *O Estado e a Revolução* de Lenin, podemos conferir tal posição no artigo “Classes e Estado: democracia e ditadura”, escrito em 1967, pouco antes do racha da ORM-Polop. Analisando a natureza da democracia capitalista, nosso autor, amparado nos postulados do principal dirigente da Revolução Russa, infere que quando “Lênin ressalta que democracia é uma forma de Estado, ele pretende lembrar a concepção de Estado que o marxismo criou desde o seu surgimento, como instrumento de domínio de classe”¹¹, no caso do Estado burguês, seria o governo de uma minoria sobre uma maioria. De posse do poder econômico, a burguesia ajusta a máquina do Estado segundo suas necessidades, devendo as demais classes acatar tais posições, e para tanto, esse mesmo Estado lança mão de uma série de expedientes (controle ideológico, ditadura aberta ou velada, bonapartismo, fascismo). A tarefa dos revolucionários seria então mobilizar a classe operária para a tomada do poder, em sentido anticapitalista, tendo por projeto a reconversão das estruturas do Estado de modo a que este esteja voltado aos interesses da maioria, ou seja, da classe trabalhadora. A ênfase no papel do proletariado, a posição do Estado nesse processo, a necessidade da

¹⁰ Numa circular distribuída internamente entre a militância da ORM-Polop, em 1983, acerca da participação do grupo no PT, Sachs teceu o seguinte comentário: “No que diz respeito ao nosso papel, isso significa em primeiro lugar que temos que deixar de ser um grupo de pequeno-burgueses com uma herança unilateral de política estudantil. Sem quadros operários em nossas fileiras, dificilmente penetraremos na classe. Mas não é só a composição orgânica do nosso grupo que nos deixa despreparados para essas tarefas fundamentais de qualquer movimento comunista que mereça esse nome. Até agora não houve nenhuma formação de quadros que preparasse o grupo para a propaganda anticapitalista e socialista, indispensável para despertar a consciência de classe do operariado. Não houve nenhuma preparação para enfrentar a tarefa de organizar setores da classe operária. Tudo que fizemos se limitou à agitação que por si só não permite a capitalização. No que toca ao nosso papel no PT, isso significa que temos de nuclear operários por categoria e por bairro, educá-los politicamente e apoiá-los efetivamente nas suas lutas. Temos de jogar todo o nosso peso numa política de nucleação. Os reformistas preferem fazer política à base de diretórios zonais, pois isso dilui a base classista do partido e facilita os conchavos de cúpula. Em resumo, temos que transpor as barreiras que nos separam do mundo dos trabalhadores. SACHS, Eric. Op. Cit. p. 4

¹¹ Lenin concebeu suas posições sobre o Estado e seu caráter de classe em textos como *O dezoito brumário de Luís Bonaparte* e *A guerra civil na França*, ambos de Karl Marx. No artigo supracitado, a partir da obra *O Estado e a Revolução*, Sachs reproduz a seguinte passagem de Marx citada por Lenin: “Na medida em que o progresso da indústria moderna desenvolve e aprofunda a contradição de classe entre capital e trabalho, nesta medida o poder estatal adquiriu mais e mais o caráter de uma força pública para a opressão da classe operária, tornou-se uma máquina de domínio de classe. Após cada revolução que assinalava um progresso da luta de classe, o caráter puramente repressivo do poder estatal torna-se mais nítido, mais evidente”. Sachs, Eric. “CLASSES E ESTADO. Democracia e Ditadura. Subsídio para a discussão do Programa”. Centro Victor Meyer (texto assinado por Ernesto Martins, pseudônimo de Sachs)

constituição de *frentes* ao longo da luta, são alguns dos elementos de viés leninista que encontramos no pensamento de Sachs.

Também serão alvo de nossas análises as premissas de fundo luxemburguista presentes nas ideias de Sachs. Acima vimos que nosso autor iniciou suas atividades políticas junto ao KPO, obtendo influência direta dos líderes de tal legenda. A oposição alemã se formou nas fileiras do KPD, sendo expulsa deste partido em 1928, as informações iniciais que obtivemos sobre o KPO dão conta de que o mesmo se norteava pelo programa inicial do Partido Comunista Alemão (constituído sob influência de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht), com sua ênfase no trabalho “junto às massas”, visando a “fortalecer suas bases”, garantindo uma autonomia de atuação dessas mesmas bases perante as cúpulas dirigentes, tanto sindicais quanto partidárias. Tais posições estão presentes na obra de Rosa Luxemburgo *Greve de massas, partido e sindicatos*, de 1905, na conjuntura da Primeira Revolução Russa. Dentro dessas concepções, a ORM-Polop, desde seus princípios, trabalhou com a ideia da formação de comissões/comitês de fábrica, entre as bases, paralelos aos sindicatos. Tal proposta também esteve presente na formação do PT, ampliada para o projeto de conselhos populares.

O terceiro elemento que procuraremos analisar dentro de nossa temática são as influências de August Thalheimer e Heinrich Brandler, além de outros teóricos que militaram no KPO, sobre Sachs. Vimos acima que nosso autor travou contato direto com tais lideranças, e conceitos trabalhados pelos mesmos podem ser observados em diversos textos da ORM-Polop, POC, e mesmo em organizações derivadas destas. Dos mais citados, o conceito *cooperação antagônica*¹², desenvolvido por Thalheimer, encontra-se presente no “Projeto Socialista para o Brasil”. Também contemplaremos autores cujas obras dialogaram com os teóricos visitados por Sachs, especialmente aqueles situados dentro do campo *conselhista*, com destaque para Herman Gorter, Anton Pannekoek, Amadeo Bórdiga e Antonio Gramsci, em sua fase “l'ordinovista”.

Por fim, dentro do campo teórico, temos por meta analisar o debate travado entre as forças do meio marxista brasileiro ao longo da década de sessenta, em suas linhas reformistas e

¹² Segundo Victor Meyer: “Tratava-se de uma atualização da teoria marxista sobre o imperialismo que até então pressupunha uma repetição intensificada de conflitos bélicos no interior do sistema. Num mundo marcado pela consolidação do bloco socialista, as relações internacionais teriam que se processar segundo uma nova lógica. Efetivamente, estamos hoje a quase quarenta e cinco anos desde o final da guerra, e os conflitos intercapitalistas não voltaram a gerar novas guerras mundiais (não obstante a permanência e o acirramento das contradições entre os grandes monopólios capitalistas). Este texto faz parte de um projeto de pesquisa inacabado sobre Thalheimer, escrito em princípios dos anos 1990. Disponível em formato digital no Centro Victor Meyer.

revolucionárias, com atenção para as teorias que preconizavam o colapso do sistema econômico brasileiro, pautados pela crise inicial do ciclo militar. Posicionaremos as premissas partidas da ORM-Polop nesse debate, e as relacionaremos a outras linhas de análise, como as de Celso Furtado (autor não marxista), Caio Prado Junior e André Gunder Frank¹³. Logicamente, não deixaremos de contemplar os textos fundadores do marxismo, base para as teorias e programas revolucionários dos autores supracitados, especialmente “O dezoito brumário de Luís Bonaparte”, estudo que serviu como referência para as análises políticas de Lênin, Rosa Luxemburgo, Gramsci, dentre outros, obra fartamente citada nos textos de Sachs.

No que respeita à metodologia de pesquisa, nosso objeto de análise é a trajetória política e revolucionária do indivíduo Eris Sachs, o que nos leva ao terreno da *biografia histórica*. Jacques Le Goff, no artigo “Comment écrire une biographie historique aujourd'hui”, tece o seguinte comentário: “o que me desola na atual proliferação de biografias é que muitas delas são uma volta pura e simples à biografia tradicional superficial, anedótica, puramente cronológica, que se sacrifica a uma psicologia ultrapassada, incapaz de mostrar a significação histórica geral de uma vida individual”¹⁴.

¹³ Os diversos grupos de guerrilha brasileiros trabalharam com a hipótese de uma grave recessão que atingiria o país já em finais dos anos 1960. O período recessivo do quadriênio inicial do regime militar ajudou a cristalizar essa certeza. Uma série de teóricos deram vazão a essa perspectiva, diagnosticando o “esgotamento do modelo de substituição de importações”. Dentre os teóricos que anteciparam uma inevitável “estagnação” do sistema econômico brasileiro, destacaram-se Celso Furtado, Caio Prado Junior, e o economista estadunidense André Gunder Frank. Guido Mantega, em apreciação as concepções *estagnacionistas* presentes em Celso Furtado, tece o seguinte raciocínio: “A falha principal reside, no meu entender, na própria concepção que o Modelo de Substituição de Importações possuía das leis da acumulação capitalista e da lógica de funcionamento desse modo de produção. Pelo menos é o que se depreende da análise de Furtado, que raciocina em termos de um sistema capitalista onde a concentração de renda ou a compressão do poder aquisitivo dos assalariados leva à estagnação e inviabiliza a própria acumulação. É por isso que o autor de Formação Econômica do Brasil vê uma certa comunhão de interesses entre lucros e salários, uma vez que aqueles dependeriam, em grande medida, do poder de compra destes. Porém, isso ocorreria caso o sistema capitalista estivesse orientado para o consumo e, mais especificamente, para o consumo dos trabalhadores, ou seja, para a satisfação de suas necessidades materiais, quando, na verdade, está voltado para a acumulação de capital, para a produção pela produção; e o consumo dos trabalhadores, sem deixar de ser importante e necessário para a realização de parte da mais-valia, está atrelado ao objetivo central desse modo de produção”. As teses *estagnacionistas* foram postas abaixo pelo “milagre econômico”, curto período de prosperidade, que amparado por toda uma estratégia de propaganda trouxe a ilusão de um ciclo de crescimento, vendendo otimismo à classe trabalhadora, dando a entender que o modelo econômico dos governos militares traria prosperidade a todos os brasileiros. Na contra mão das teses *estagnacionistas* e do imediatismo de organizações como a ALN e a VPR, Eric Sachs antecipava que a luta contra o poder estabelecido seria longa, certamente levando décadas para se concretizar em favor da classe trabalhadora. Para Celso Furtado; FURTADO, Celso. *Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966; para Caio Prado Junior; PRADO JUNIOR, Caio. *A Revolução Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1966; para André Gunder Frank; FRANK, André Gunder. *Capitalismo y Subdesarrollo em América Latina*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1978. Para citação de Mantega; MANTEGA, Guido. *A economia política brasileira*. São Paulo: Polis, 1987. p. 101; para proposições de Sachs: “Aonde Vamos”, Parte III, “Governo de Transição”, disponível no Centro Victor Meyer.

¹⁴ LE GOFF, Jacques. “Comment écrire une biographie historique aujourd'hui”. In: *Revue Le Debat*, 1989, p. 49-50. Apud: LORIGA, Sabrina. “A biografia como aposta”. In: REVEL, Jacques. *Jogos de Escala. A experiência da micro-*

Temos por objetivo seguir as recomendações de Le Goff, procurando associar o itinerário de Sachs aos contextos históricos aos quais fez parte, expondo sua participação nos mesmos. O tema central de nosso estudo é o *sujeito político*, sua atuação teórica e prática nas conjunturas nas quais tomou parte ativa, salientando suas contribuições, tanto no campo das ideias, quanto no das ações práticas. Não deixaremos de apreciar dados da trajetória pessoal de Sachs, mas nossa ênfase se dará sobre seu *ser social*.

Ainda dentro da discussão sobre História e biografia, temos o raciocínio de Giovanni Levy, que expõe que “qualquer que seja a sua originalidade aparente, uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica”¹⁵. Vimos acima que Sachs testemunhou o nazi-fascismo, o estalinismo, o estado-novo brasileiro, a ditadura militar brasileira de 1964 e os anos iniciais da redemocratização. Foi obrigado a se refugiar por várias vezes, fugindo de perseguições, por sua origem e suas ideias. Como supracitado, foi testemunha ocular dos episódios mais dramáticos de seu tempo, e sua militância o levou a lutar contra todos os regimes autoritários as quais se deparou. É dentro deste prisma que pretendemos trabalhar.

Com relação às fontes, trabalharemos basicamente com fontes textuais, artigos, estudos, manifestos e panfletos produzidos por Sachs em seus anos de atuação política. Começaremos por seus artigos produzidos para o *Jornal Correio da Manhã*, escritos na década de cinquenta (disponíveis no Arquivo do Estado de São Paulo). Em seguida, analisaremos seus textos presentes no periódico *Política Operária*, além da documentação de circulação interna à organização. Já tivemos acesso a boa parte desse material via Centro Victor Meyer, além da documentação disponível no Cedem da Unesp. Completaremos nossa coleta de dados no Arquivo do Estado São Paulo, no Arquivo Edgard Leurenroth, da Unicamp, e nos arquivos da Biblioteca Nacional e do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas. Lacunas e informações de caráter pessoal acerca de nosso militante serão preenchidas via entrevistas, dentro dos princípios metodológicos da História Oral, já utilizados por nós em nossa dissertação de mestrado. Já colhemos depoimento de Ceici Kameyama, militante da

análise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1990. p. 226

¹⁵ LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. & AMADO, Janaína. (Org). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 176

Polop próximo a Sachs, e estamos agendando entrevistas com Emir Sader, Leovegildo P. Leal, Theotônio dos Santos, Moniz Bandeira, Carlos Franklin Paixão de Araújo, dentre outros nomes a serem agendados. Entrevistas realizadas durante nosso mestrado, que forem pertinentes a nosso tema atual, também serão utilizadas.

Informações conjunturais e análises teóricas serão preenchidas via material bibliográfico (livros, teses, artigos), disponíveis em bibliotecas e em formato digital, via internet. A literatura de origem alemã, em boa medida, encontra-se disponível nos meios digitais, demais fontes, especialmente periódicos (*Gegen den Strom e Arbeit Politik*), também em idioma alemão, encontram-se nos países de origem de Sachs e seus companheiros iniciais de militância, na Alemanha e na Áustria. Também há a intenção de pesquisar as origens de Sachs e sua família em Viena, com atenção para a atuação política de seu pai, que foi deputado no parlamento austríaco, sendo membro do partido Social Democrata. Tenho por objetivo visitar tais arquivos, via bolsa ou por meios próprios.

O eixo central de nossa pesquisa se dará sobre a documentação de origem textual, sobretudo as redigidas por Sachs e os movimentos aos quais tomou parte. As demais informações, lacunas e imprecisões serão preenchidas por fontes orais e bibliográficas como acima exposto. Outras fontes a se utilizar serão inquéritos policiais, atas (especialmente na investigação acerca dos trabalhos do pai de Sachs no parlamento austríaco) e outras fontes textuais. Junto a nosso orientador, cumpriremos as etapas de nosso trabalho, sempre atentos a novos dados e fontes que por ventura possam surgir, sempre no sentido de enriquecer nossa pesquisa.

Cronograma / Plano de Trabalho

Nossa pesquisa deverá abranger, ao longo de sua execução, três anos e meio, sendo o último semestre destinado a conclusão e revisão geral da tese. Dividimos nosso trabalho em quatro etapas, subdivididas em oito semestres. Ao término de cada semestre, encaminharemos relatórios e artigos a nosso orientador, relativos ao andamento da pesquisa, e possíveis novos temas e/ou abordagens que por ventura possam surgir ao longo do trabalho. Estamos analisando, junto a nosso orientador, a possibilidade de um doutorado sanduíche na Alemanha, para obtenção de fontes e informações acerca dos anos iniciais de vida de Sachs, e das organizações das quais tomou parte, além de dados sobre a atividade política de seus pais e parentes próximos.

Primeiro Ano

Mês um a seis: pesquisa bibliográfica relativa à conjuntura de nosso estudo, reforço acerca da teoria que nos servirá de base, com destaque para teoria marxista, análises econômicas, sociológicas, filosóficas; releituras sobre metodologia de história. Início do estudo do idioma alemão, e manutenção de nossos conhecimentos acerca dos idiomas espanhol, inglês e francês. Participação (como ouvinte) em congressos acadêmicos, e cumprimento de créditos na disciplina: *O universo fascista: perspectivas globais, comparativas e transnacionais*, ministrada pelos professores João Fábio Bertonha e Francisco Martinho.

Mês 6 a 12: prosseguimento da pesquisa bibliográfica e continuação dos estudos sobre o idioma alemão. Conclusão dos créditos por disciplina, com matrícula no curso *Tópicos de História Econômica*, ministrado pelo professor Lincoln Secco. Início da coleta de depoimentos orais, com entrevista já realizada com o militante Ceici Kameyama, membro atuante da ORM-Polop, próximo de Eric Sachs, e agendamento de novas entrevistas. Coleta de fontes textuais no Arquivo do Estado de São Paulo, no Cedem da UNESP e no arquivo Edgard Leuenroth da UNICAMP.

Segundo Ano

Mês 1 a 6: Prosseguimento da coleta de fontes orais e textuais, continuidade dos estudos do idioma alemão. Visita aos arquivos da Biblioteca Nacional e do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro. Participação em eventos acadêmicos, produção de artigos e traduções. Início da redação de nossa tese. Agendamento da qualificação.

Mês 6 a 12: Continuidade da pesquisa bibliográfica, da coleta de fontes e dos estudos de alemão. Participação no XXVII Simpósio Nacional de História (como expositor), e outros eventos acadêmicos a serem agendados junto a nosso orientador. Prosseguimento da redação de nossa tese. Qualificação de nosso doutorado.

Terceiro Ano

Mês 1 a 6: Manutenção das atividades acadêmicas (leituras de bibliografia, análise de fontes históricas, participação em eventos). Caso seja contemplado com bolsa de doutorado sanduíche, coleta de dados em bibliotecas e arquivos públicos situados na Alemanha, além do reforço sobre o idioma.

Mês 6 a 12: Caso o doutorado sanduíche seja possível apenas no segundo semestre desse ano, as atividades descritas acima ficam transferidas para esse semestre. Prosseguimento de minhas atividades acadêmicas e levantamento contínuo dos dados e fontes obtidos, seguindo com a redação de nossa tese.

Quarto Ano

Mês 1 a 6: Conclusão da redação da tese e revisão da mesma junto ao orientador. Agendamento da defesa.

Mês 6 a 12: Revisão final de nosso trabalho e defesa de nossa tese de doutorado.

Cronograma de Execução

Quadrênio dividido em 8 semestres	1 Ano		2 Ano		3 Ano		4 Ano	
Pesquisa Bibliográfica								
Conclusão dos créditos do doutorado								
Levantamento de fontes e agendamento da qualificação								
Análise das fontes e início da redação da tese de doutorado								
Conclusão da tese de doutorado e agendamento da defesa								
Defesa de doutorado								

Referências Bibliográficas

BADARÓ MATTOS, M. “Em Busca da Revolução Socialista. A Trajetória da Polop (1961-1967)”.
In: RIDENTI, M.; REIS, D. A. (Org.). *História do Marxismo no Brasil (Vol. 5). Partidos e*

organizações dos anos 1920 aos 1960. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

CARDOSO, C. F. *Métodos da História: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

CHAGAS, V. F. A. G. “A Vanguarda Popular Revolucionária: dilemas e perspectivas da luta armada no Brasil (1968-1972)”. Dissertação de Mestrado. Franca-SP: UNESP, 2000.

FRANK, A. G. *Capitalismo y Subdesarrollo em América Latina*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1978.

FREDERICO, C. (org). *A esquerda e o movimento operário, 1964-1984*. (Vol.1) São Paulo: Editora Novos Rumos, 1987.

FURTADO, C. *Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

GORENDER, J. *Combate nas Trevas*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. (Vol. 3) Edição e tradução Carlos Nelson Coutinho Et alii. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GRAMSCI, A. ; BORDIGA, A. *Conselhos de Fábrica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

LEAL, L. P. “Política operária: a quebra do monopólio político, teórico e ideológico do reformismo na esquerda brasileira”. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 1992.

LÊNIN, V. *O Estado e a revolução: o que ensina o marxismo sobre o estado e o papel do proletariado na revolução*. São Paulo:Hucitec,1983.

LEVI, G. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, M. M. & AMADO, J. (Org). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2000.

LORIGA, S. “A biografia como aposta”. In: REVEL, Jacques. *Jogos de Escala. A experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1990.

LUXEMBURGO, R. *A acumulação de capital. Contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MANTEGA, G. *Economia Política Brasileira*. São Paulo: Polis,1987.

MARX, K. *O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2008.

OLIVEIRA, J. A. “POLOP: As origens, a coesão e a cisão de uma organização marxista (1961-1967)”. Dissertação de Mestrado. Araraquara-SP: Unesp, 2008.

PARIS, R. “Biografias e “Perfil” do Movimento Operário – Algumas reflexões em torno de um dicionário”. Revista Brasileira de História, Número 33, Vol. 17.

PRADO JUNIOR, C. *A Revolução Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1966.

REIS FILHO, D. A. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

REIS FILHO, D. A; SÁ, J. F (Org). *Imagens da revolução*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2006.

RIDENTI, M. S. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

SILVA, M. (Org) *1964/1968, a ditadura já era ditadura*. São Paulo: LCTE Editora, 2006.

Sítios Consultados

Centro Victor Meyer: <http://www.centrovictormeyer.org.br>

Periódicos *Arbeitspolitik* e *Gegen den Strom*, informações iniciais obtidas no sítio:
<http://web.archive.org/web/20070702142410/http://www.marxistische-bibliothek.de/inhalt.html>